



Veículo: O Liberal		
Data: 25/11/2017	Caderno: Atualidades	Página: 19
Assunto: Tradição		
Tipo: Notícia	Ação: Espontânea	Classificação: Neutra

Era digital exige a reinvenção do jornal

TRADIÇÃO

Mesmo diante da internet, os impressos são fundamentais

VALÉRIA NASCIMENTO
Da Redação

Se a escrita é memória e a fotografia congela o tempo, a página do jornal é um banco de dados em forma de papel nas mãos do leitor, que se apropria dos fatos. Muito diferente da internet, em que a notícia da hora não está mais lá alguns minutos depois; onde os hiperlinks abrem novas perspectivas, mas também dificultam a concentração e levam o leitor para mais textos, imagens e infográficos, num carrossel noticioso sem freios. No momento em que a tecnologia digital se renova em velocidade vertiginosa, não é possível fazer exercícios de futurologia, mas se pode afirmar que o jornal impresso precisa se reinventar, sem

necessariamente abrir mão de suas tradições.

A análise é da professora doutora da Faculdade de Comunicação (Facom) da Universidade Federal do Pará (UFPA) Vânia Torres estimulada a falar sobre a importância do jornalismo impresso no Brasil, e, particularmente, no Pará, nos últimos 71 anos. "O jornalismo impresso segura o leitor tal qual um livro", pondera Vânia, para acrescentar: "Com o jornal em mãos, a gente é quem cria o nosso tempo, lê do jeito que quer, de trás para frente, de frente para trás, de cima para baixo, de baixo para cima. Os meios audiovisuais, rádio, cinema e televisão não nos permitem isso".

Questionada sobre o desafio atual dos impressos, pressionados a se modernizarem mantendo a tradição, Vânia afirmou que essa resposta aquece a discussão nas redações e no meio acadêmico. Para ela, trata-se de um momento em que os meios de comunicação estão se repensando como um todo diante da avalanche da internet.

"Eu não tenho uma visão apocalíptica do jornal. Acho que todos os meios de comunicação que surgiram sofreram esse abalo quando outros novos apareceram. Foi assim com o rádio em relação à TV e o cinema ante à televisão. Disseram que o rádio ia morrer, ele está aí cada vez mais incrível. Então, os impressos vão achar o seu lugar. É claro que a gente não sabe como isso vai se dar, porque as gerações mais jovens não estão lidando tanto com a materialidade do papel, e a gente se pergunta, será que só nós antigos gostamos do papel? No entanto, você vai a uma feira do livro e ela está lotada de gente, você vê os jovens se interessando pela leitura", observa a doutora.

Para Vânia Torres, o impresso tem de repensar seu conteúdo e o modo como o trata. Ela argumenta, por exemplo, que cada vez mais as pessoas deixam de comprar jornal no momento que têm as notícias no próprio celular. "O jornal



precisa aprofundar questões, trazer debates. Por exemplo, um suplemento que O LIBERAL tem, que é o Amazônia Viva, tem um papel fundamental, eu gosto muito. A revista é muito bem feita, eu gosto das entrevistas, da qualidade da produção. Para mim, o caminho é esse, uma revista elaborada, pensada em todas as suas fases de produção, com questões interessantes”, diz a professora.

Ela argumenta também que a materialidade da documentação do registro, do guardar, do ficar na biblioteca, própria do jornal impresso, é exclusiva do meio de comunicação. “Essa memória que não se apaga, essa relação com o papel, que é como você publicar um livro, deixa o jornal impresso na frente dos demais veículos. O LIBERAL faz parte da história do Pará, tem um papel importantíssimo como meio de comunicação que amplifica o acesso às informações, não há dúvidas sobre isso”, afirma.

Vânia Torres recorda que o jornal esteve presente em grandes momentos da história amazônica. “Lembro muito da explosão que foi a corrida ao garimpo de Serra Pelada. E tem fotógrafos que eu queria mencionar, por considerá-los importantíssimos para o jornalismo impresso paraense,

a exemplo da Paula Sampaio e do Ary Souza. São fotógrafos que vêm buscando a essência do sujeito local em seu trabalho de fotojornalismo. Não estão só preocupados com a espetacularização superficial. A fotografia deles vai trazendo esse olhar sobre esse sujeito por dentro, emociona. Como leitora gosto de saber que vou abrir o jornal e encontrar o trabalho de pessoas que admiro”, comenta.



Para **Vânia Torres**, o impresso tem de repensar seu conteúdo e o modo como o trata